

Consultores estão quebrando a cabeça

FÁTIMA CRISTINA

A incerteza quanto ao desempenho da economia no próximo ano está levando os consultores de investimento a quebrarem a cabeça para vislumbrar o que pode ocorrer com as companhias, em 1990. Ainda mais nesta virada do ano que conta com a peculiaridade da eleição de um novo Governo, que poderá ser o de Fernando Collor de Mello, do Partido de Renovação Nacional (PRN), ou o de Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT).

Para Célio Lora, Diretor da empresa de consultoria e auditoria Price Waterhouse, o momento é de tamanha expectativa que todos estão administrando apenas o dia seguinte e o mesmo raciocínio está valendo para as companhias brasileiras. Não existem, afirma, grandes investimentos para 1990, fato agravado porque mesmo o Governo paralisou seus investimentos, prejudicando alguns setores privados.

A pesquisa divulgada na semana passada pela Arthur Andersen, outra empresa de consultoria, com base em demonstrações financeiras — do primeiro semestre — de 557 empresas e de respostas de outras 110, comprova sua afirmação. Pela pesquisa, 55% das companhias programam investir em modernização e racionalização, e apenas 27% buscam ampliar a capacidade produtiva.

O trabalho da Arthur Andersen demonstra que as empresas estão

operando no limite da capacidade de produção. Isso significa que, sem investimentos de expansão, e se o consumo crescer, há risco delas não conseguirem suprir a demanda.

O que acontecerá em 1990, na avaliação do especialista da Price, depende do que ocorrer em janeiro, para ele o mês "D" da economia, porque, na expectativa de hiperinflação ou inflação ascendente, o que naturalmente vem ocorrendo é a antecipação de compras.

Célio Lora disse ainda que poderá haver uma síndrome de resgates no *overnight*, pelo receio do tratamento que pode vir a ser dado à dívida interna. É consenso que algo precisa ser feito para estancar o crescimento da dívida interna. As empresas capitalizadas de hoje, podem não ser as capitalizadas de amanhã. Essas são razões que o levam a crer que se o País conseguir vencer janeiro sem traumas, 1990 pode ser bom. Ao contrário, pelo menos três a seis meses de ajuste serão necessários.

Para o Diretor da Price, se a recessão for inevitável, micro e pequenas empresas deverão sofrer mais, porque dispõem de pequena estrutura financeira e administrativa, sem fôlego para suportar um período muito longo de ajuste. Argumenta que sua expectativa de crescimento da economia, em 90, depende do que acontecer com estas empresas e a chamada economia informal. Para ele, justamente quem vem contribuindo para manter o consumo aquecido.